

Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português

Marcia dos S. Machado Vieira¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo focaliza construções verbo-nominais que funcionam como predicados complexos. Não é difícil encontrar, na literatura linguística, referências a expressões idiomáticas que revelam algumas inconsistências ou considerações superficiais sobre o tópico. Devido ao grande interesse em idiomatismos, essa situação vem mudando, porém, em alguns casos, as referências não só ainda mantêm um tratamento inadequado do tópico, mas também consideram toda unidade multivocabular como idiomática. Também as construções com verbo suporte são tratadas assim. Embora construções com verbo suporte exibam esquematização e, em um número significativo de casos, significado figurado, elas também exibem um alto grau de variação formal e semântica que é importante considerar quando se lida com a idiomaticidade imputada a algumas instâncias de tais construções. Há construções intermediárias e híbridas no *continuum* formas procedurais – formas lexicais e também construções com verbo suporte não-lexicalizadas (bastante produtivas). Na verdade, a demarcação de tais construções nesse *continuum* precisa considerar uma caracterização multidimensional que leve em conta relações multifatoriais e um conceito de construção idiomática prototipicamente estruturado, com alguns casos centrais e outros marginais. Este artigo lida com a interface lexicalização e gramaticalização desse tópico com base em resultados de análises de *corpora* e testes conduzidas por pesquisadores no âmbito do Projeto PREDICAR – A Formação e expressão de predicados complexos.

Palavras-chave: Funcionalismo. Gramaticalização. Lexicalização. Verbo suporte.

Introdução

As construções que aqui serão descritas têm sido frequentemente rotuladas de expressões idiomáticas. Se se considerar qualquer construção gramatical que envolve esquematização como idiomática, essa denominação é pertinente. No entanto, se se conceber que idiomaticidade está relacionada à irregularidade/imprevisibilidade lexical, morfossintática e semântico-pragmática e à não-composicionalidade, tal denominação carece de reconfiguração. Afinal, lida-se aqui com construções que se situam no *continuum* léxico-gramática e que, portanto, se apresentam como arranjos de interface entre os processos de

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ, onde atua como Professora Associada II do Departamento de Letras Vernáculas, na Graduação, Pós-Graduação e Extensão. É líder do grupo de pesquisa CNPq PREDICAR. Dedica-se a estudos em Sociofuncionalismo e Linguística Funcional-Cognitiva, com ênfase nos temas: predicação, transitividade, variação de construções verbais, gramaticalidade, lexicalização, construcionalização e auxiliaridade. E-mail: profa.marciamachado@gmail.com.

gramaticalização e de lexicalização. Tais construções, na verdade, têm vínculos com estruturas gramaticais típicas, além de motivações em padrões de conceptualização. São parcialmente construções gramaticais e parcialmente construções lexicais. Ademais, lida-se com essas unidades complexas predicantes como função de um processo que, além de articular gramaticalização e lexicalização, se revela multidimensional e multifatorial e, assim, pode implicar, em ambos os polos do *continuum*, diferenças no nível de regularidade formal (esquematicidade) e no nível de regularidade semântica (interpretação conjunta baseada em maior ou menor transparência dos constituintes):

A construction grammar approach to the development of new signs is inconsistent with a position that there are two ‘boxes’. First, constructionalization foregrounds the gradation between lexical and grammatical constructions rather than discreteness. If knowledge of language is knowledge of constructions (i.e. conventional symbolic units), the question of which ‘box’ something goes in becomes vacuous. Furthermore, as schemas typically involve some combination of procedural and referential meaning, it is hard to compartmentalize. Rather, what we observe in instances where form_{new} - $\text{meaning}_{\text{new}}$ pairings come into being is that the new unit has developed either a procedural function (in the case of grammatical constructionalization), or a contentful function (in the case of lexical constructionalization), or a combination of both (TRAUGOTT; TRAUSDALE, 2013, p. 157).

Focalizam-se, aqui, as construções com verbo suporte do Português (como, por exemplo, *fazer o diabo* ou *dar o troco*, no sentido de *aprontar todas e vingar-se*, respectivamente), com o intuito de tratar da localização de algumas de suas instâncias de uso no contínuo de lexicalização e diferenciá-las de casos que não envolvem lexicalização (como, por exemplo, *fazer uso* ou *dar uma lida*), mas pressupõem gramaticalização, bem como encaminhar, ainda, a possibilidade de que certos casos talvez sejam melhor descritos por construcionalização gramatical ou lexical (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013)², a depender do estatuto categorial³ para o qual pende o fenômeno no contínuo que articula os domínios do léxico e da gramática, a depender do menor ou maior poder preditivo da construção em relação a novas expressões:

Constructionalization is the creation of form_{new} - $\text{meaning}_{\text{new}}$ (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have syntax and morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and

² “[...] grammatical and lexical constructionalization “we consider them to be on a gradient, and intertwined, not in opposition” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

³ “The output of lexical constructionalization is contentful, that of grammatical constructionalization is procedural and indexical” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

composicionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

Com o interesse crescente dos estudos desenvolvidos à luz da perspectiva construcionista por construções irregulares e, principalmente, por idiomatismos, as referências a esse tipo de construção tornam-se cada vez mais frequentes. Tal interesse tem levado tais construções a ocuparem um lugar nas descrições gramaticais das línguas que, até bem pouco tempo, não tinham. No entanto, ainda é superficial o tratamento dispensado a tais construções, limitando-se muitas vezes a considerações gerais sobre a sua não-composicionalidade e a sua significação idiossincrática ou figurada. Em outras palavras, percebem-se, na literatura linguística, referências que, em essência, não são muito diferentes das encontradas em estudos sem orientação teórica construcionista⁴.

Em geral, a categorização dessas construções como expressões idiomáticas não se baseia na explicitação dos critérios que a sustentam ou conta com o aporte de um conjunto de exemplos nos quais, às vezes, se identifica uma mescla de perífrases semilexicalizadas e perífrases lexicalizadas e destas até com casos de perífrases não-lexicalizadas. Isto até decorre do fato de, em algumas obras, prevalecer o entendimento geral do modelo da Gramática Construcional centrado no uso de que qualquer construção é idiomática. Outras vezes, tais construções são descritas, com base em perífrases verbo-nominais formadas por *ter*, *dar* e *fazer* (três dos verbos mais produtivamente acionados nesse tipo de construção) e mediante uma caracterização muito geral do fenômeno de formação de predicados complexos (BRINTON⁵, 2011), que envolve gramaticalização.

Diante do quadro aqui brevemente delineado, entende-se que é necessário distinguir o que licencia a referência a algumas construções, e não a outras, como (semi-) idiomáticas/lexicalizadas. E concebe-se que essa distinção reflete os efeitos da variação de

⁴ Nota-se até atitude similar à encontrada na gramática lusitana recém-lançada (RAPOSO, 2013, p. 1212, nota 79), que, em geral, chega a detalhes na descrição dos temas e, no entanto, restringe-se a apresentar o seguinte: “Por vezes, a sequência formada por um verbo leve e o constituinte nominal pode cristalizar numa expressão idiomática fixa: cf. *os ladrões deram {à sola/de frosques/corda aos sapatos}* (= *fugiram*)”.

⁵ “A ‘complex predicate’ is a construction consisting of a ‘light verb’, typically *do*, *give*, *have*, *make*, or *take* in English, in combination with a deverbal noun, for example, *give a push*, *make a vow*, *have a bite*, *take a stroll*, or *do a study*. This construction – variously termed a ‘a composite predicate’, an ‘expanded predicate’, a ‘verbo-nominal construction’, and a ‘complex verb’ – has been extensively studied in Present-day English (...)” (p. 559).

parâmetros na base da configuração de expressões idiomáticas/lexicalizadas. “Viewing all complex constructions as more or less idiomatic emphasizes the need for more empirical research into the variables that constitute idiomatic variation and their measurement”. (WULFF, 2013, p. 288).

Trata-se aqui do tema com base em *corpora* de construções com verbo suporte do Português contemporâneo, em registros de percepções sobre variáveis envolvidas no julgamento de idiomaticidade/lexicalização de certas construções (obtidos mediante metodologia de testes de atitudes, conforme FASOLD, 1987) e nos resultados de pesquisas empíricas desses materiais, que foram desenvolvidas no âmbito *Projeto PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos*⁶ e que focalizam a gramaticalização de usos verbais em certas construções verbo-nominais ou a lexicalização de construções com verbo suporte.

2. Verbos suportes, predicadores complexos e expressões idiomáticas

2.1. Verbo suporte

Verbo suporte é um rótulo usado para designar, em linhas gerais, um conjunto de usos verbais que funcionam na formação de unidades complexas de predicação, pois operam sobre elementos não-verbais (substantivos, adjetivos, preposicionais) para conferir-lhes funcionamento similar ao de um predicador verbal simples, um verbo pleno, numa estrutura argumental, como se verifica no quadro a seguir:

Construções com verbo suporte	Contextos de uso
<i>dar ruim</i>	Ex.1: Se o tempo fecha, a noite desanda, o computador trava, o flanelinha some, meu amigo, “ <i>deu ruim</i> ”. Simples assim. [PB, O Globo, 01/12/2012]
<i>fazer tábua rasa</i>	Ex.2: A Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE) defende que o Governo fez “ <i>tábua rasa</i> dos direitos das freguesias” no Orçamento de Estado, atribuindo-lhes menos 16 milhões do que seria expeável no quadro da Lei de Finanças Locais. [PP, RTP, 05/02/2010]
<i>fazer/dar sol</i>	Ex.3: <i>Fará sol</i> entre muitas nuvens no centro-sul do estado, e o restante da região Sudeste (...) [PB, O Globo, 30/04/2014]
<i>tirar/fazer xerox</i>	Ex.4: Fraudadores do INSS cobravam propina até para <i>tirar xerox</i> . [PB,

⁶ As pesquisas do Projeto PREDICAR desenvolvem-se no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da UFRJ.

tomar de assalto

ficar pilhado

noticias.r7.com, 09/11/2010]

Ex.5: **Tomaram de assalto** o meu restaurante. [PP, Correio da Manhã, 15/11/2011]

Ex.6: O contabilista JP não experimentou as drogas digitais, mas foi proibido pela namorada de ouvir a trilha sonora do filme Matrix enquanto dirigia. “Bastava eu colocar a trilha para rodar, que meu desempenho ao volante mudava completamente. **Ficava pilhado** e corria bem mais que o normal”. [PB, Correio Popular, 18/04/2013]

Quadro 1: Exemplos de empregos de construções com verbo suporte

Ainda que o elemento não-verbal seja o principal responsável pela configuração semântica dessa construção predicante, é a construção com verbo suporte em si que determina o número e a natureza dos papéis participantes, que, por sua vez, se compatibilizarão, no uso, com os papéis argumentais de uma construção gramatical. Tanto é assim que as expressões com verbo suporte podem ser até impessoais (como é o caso de *fazer sol*).

Tal categoria de verbos recebe, na literatura linguística, ainda outros rótulos: “*operandum* auxiliar de verbalização de elementos não-verbais” (conforme descrito em MACHADO VIEIRA, 2001) e verbo leve (RAPOSO, 2013), por exemplo. Borba (2002, p. vii), que também utiliza o termo verbo suporte, define a categoria assim:

Suporte: é o verbo que participa de uma construção complexa como mero suporte de categorias verbais (tempo, modo, número, pessoa) uma vez que o núcleo do predicado está num nome (comumente abstrato): ter medo [= temer]; causar dano [= danificar]; abrir falência [=falir].

É justamente no caráter auxiliar revelado na atribuição de estatuto predicante a uma forma, de partida, não-verbal e na marcação morfológica de certas categorias gramaticais tipicamente associadas à classe dos verbos (tempo, modo, aspecto, número e pessoa) que está a motivação para a designação de verbo suporte. Vale destacar que nem toda construção com verbo suporte envolve verbos com comportamento nitidamente gramatical, já que algumas contam com verbos com caráter intermediário no contínuo que possui como extremas formas lexicais (com conteúdo) e formas gramaticais/procedurais (produtivamente acionadas para a formação de variadas perífrases verbo-nominais, como se revelam casos de *ter*, *ficar*, *dar* e *fazer*, citados em várias obras⁷ e até mesmo em obras que os relacionam a verbos plenos (ou predicadores), ainda que lhes confirmam estatuto de verbo leve⁸, a exemplo de Raposo (2013)):

Existe em português um pequeno grupo de verbos que se relacionam semanticamente com verbos plenos com a mesma forma morfofonológica,

⁷ Como exemplo de menção à categoria, cite-se esta observação, em relação ao Persa: “Some of these verbs, e.g. *kardan* ‘to make’, ‘to do’, or *šodan* ‘to became’, are prototypical light verbs (LV), in that they have a very poor semantic content and are always used as LVs” (GERDES; SAMVELIAN, 2008, p. 3).

⁸ Por conta do processo de dessemantização a que se sujeitam.

mas que, fruto de um processo de esvaziamento semântico, se encontram, em determinadas construções, desprovidos de parte do seu sentido descritivo básico. Nessas construções, esses verbos ficam incapazes de funcionar por si sós como predicador único da frase e são chamados **verbos leves** (RAPOSO, 2013, p. 1214).

Embora, em muitos contextos de descrição linguística, ainda possam aparecer como novidade, construções com verbo suporte têm sido referidas tanto em obras acadêmico-científicas (cf. LAPA, 1972) quanto em livros didáticos (cf., por exemplo, NICOLA, 2006) ou dicionários (cf., por exemplo, HOUAISS, 2001) já há algum tempo, até por conta de sua produtividade em vários domínios discursivos, inclusive, no domínio acadêmico: *ter em conta, levar em consideração, fazer menção, dar exemplo*, entre tantas outras expressões.

Ex.7: As atuais pesquisas sobre o uso do computador em sala de aula devem ***levar em conta*** todos estes aspectos, sob pena de tornarem-se obsoletas antes mesmo de concluídas, dado que não serão apropriadamente utilizadas. [PB escrito, dissertação de mestrado, 2008].

Verbos suportes podem contribuir regularmente com informação aspectual relativa a propriedades do estado de coisas: controle, dinamismo, duratividade, telicidade, homogeneidade (cf. DIK, 1997 e VENDLER, 1967). Comparem-se estas instâncias de uso: *ter queixa, dar queixa, fazer queixa; ter sucesso, fazer sucesso; ter fé, fazer fé, levar fé, dar fé; ter preocupação, dar preocupação; ter fim, levar fim, dar fim; dar um fora, levar/tomar um fora; ter amor, dar amor, fazer amor; fazer birra, pegar birra, ter birra*. A depender do verbo suporte usado, pode-se formar um predicador complexo que propicie a apresentação de um estado de coisas a partir da perspectiva de um evento do tipo processo (ex. 8), de uma situação (ex. 9) ou de um evento do tipo ação (ex. 10).

Ex. 8: “Passei a detestar a Rihanna desde que descobri que ela a considera a mulher mais linda do mundo. Implico com as músicas, não sigo mais no Instagram e não admito nem morta que ela estava deslumbrante praticamente pelada na noite de uma premiação. Eu sei. Louca. ***Peguei birra.***” [PB escrito, www1.folha.uol.com.br, 11/09/2014].

Ex. 9: “***Tenho birra*** com aquele eterno discurso de que o esporte engrandece o espírito, que maravilha a comunidade dos atletas, a disputa honesta, cada um dando tudo de si e buscando a superação etc.” [PB escrito, <http://noticias.r7.com>, 31/07/2012].

Ex. 10: “Se a criança ***faz birra*** em público é porque aprendeu que é útil para conseguir o que deseja. Às vezes, sem querer, os pais acabam reforçando isso.” [PB escrito, revista Crescer, <http://revistacrescer.globo.com>].

2.2. Predicadores complexos

Tendo em vista o fato de que muitas vezes se assume a construção com verbo suporte

como idiomática, pode parecer, à primeira vista, difícil propor uma descrição gramatical que conte com a previsão de novas estruturas. Há, sem dúvida, construções com verbo suporte idiomáticas. Não obstante, uma investigação sistemática desse tipo de construção revela que, por um lado, há certas regularidades nessas construções em meio à variação morfossintática e, por outro, há distinção entre construções com verbo suporte lexicalizadas, semilexicalizadas ou não-lexicalizadas e construções de predicação envolvendo as “mesmas formas verbais” como predicadores com estrutura argumental, sejam elas transitivas ou intransitivas.

É preciso, então, levar em consideração que há:

(a) construções com verbo que se situa numa categoria fronteira a de verbo predicador do contínuo léxico-gramática, já que, por um lado, tem feição gramatical de verbo suporte (operando sobre um elemento não-verbal, conferindo-lhe papel predicante, e com ele constituindo uma unidade funcional similar a um verbo pleno), mas, por outro, não é tão rotineiramente mobilizado para a formação regular de novos exemplos de predicadores complexos (uma espécie de verbo semissuporte): *botar as barbas de molho, botar pra quebrar, quebrar um galho, catar coquinho, lavar roupa suja, pentear macaco, bater um fio, buscar menino na escola*,⁹ entre tantas outras possibilidades. A título de ilustração, veja-se o verbete abaixo:

give: give someone a bell *inf* telefonar para alguém. *Why don't you give Tina a bell and ask her if she can give you a ride to work tomorrow?* / Por que você não **bate um fio**¹⁰ para a Tina e pergunta se ela pode te **dar uma carona** para o serviço amanhã? (NASH; FERREIRA, 2007, *Michaelis*, p. 71).

(b) construções com verbo suporte que envolvem formas verbais presentes em várias construções com essa configuração, idiomáticas ou não (como *fazer, ter, ficar, dar*): *fazer/dar (um) telefonema, ter/dar preocupação, ficar entusiasmado, dar (uma) carona* (no verbete anterior).

As construções com verbos (semi-) suportes, à semelhança de predicadores simples, compatibilizam-se com construções gramaticais de estrutura argumental (intransitivas ou transitivas). Há construções com verbo (semi-) suportes relativamente¹¹ permutáveis por verbos predicadores simples (*Fiz menção ao trabalho. / Mencionei o trabalho.*), bem como

⁹ Predicador complexo que representa uma atividade profissional, nos tempos atuais (cf. SARAIVA, 1997).

¹⁰ Outra evidência de que a representação linguística é definida pela experiência, é culturalmente forjada.

¹¹ Estudos empíricos atestam que, a depender do contexto discursivo-pragmático, pode haver maior ou menor comparabilidade semântica entre uma construção com verbo suporte e uma forma verbal simples cognata ao elemento não-verbal daquela.

há construções com verbo (semi-) suportes não permutáveis por construções com verbos predicadores simples (*Faço questão de dizer a verdade.*).

Construções com verbo suporte envolvem frequentemente nomes predicantes, que, por sua vez, têm relação com formas verbais: *fazer menção, fazer provocação, fazer castração*.

Ex. 11: “Mas é que você *faz muita provocação* para mulher nos seus textos, em relação à relação amorosa da mulher, da perspectiva dela” [PB oral, <http://www.rodaviva.fapesp.br/>, 2005].

Ex.12: “ONG de Curitiba (PR) *faz castração* de animais de famílias com baixa renda” [PB escrito, <http://www.anda.jor.br>, 17/06/2010].

2.3. Expressões idiomáticas

Expressões idiomáticas são unidades simbólicas: unidades de representação morfossintática que estão relacionadas com propriedades funcionais – semânticas ou discursivo-pragmáticas – ímpares, incomparáveis às de outras formas. Em outras palavras, são concebidas como combinações de vocábulos que se caracterizam multidimensionalmente: qualquer expressão idiomática se configura num *continuum* que lida com fatores de diferentes dimensões (fonético-fonológica, lexical, morfossintática, semântica, pragmática e cognitiva).

Segundo Fillmore *et al* (1988: 506-510) *apud* Wulff (2013: 276), a classificação de expressões pode resultar em três tipos de expressões idiomáticas, a depender do quanto sua configuração se desvie da configuração das expressões marcadas por regularidade lexical, sintática e semântica:

Tipos	Léxico	Sintaxe	Semântica
expressões com componentes lexicais não-familiares arranjados de modo não-familiar	irregular	irregular	irregular
expressões com componentes lexicais familiares arranjados de modo não-familiar	<i>regular</i>	irregular	irregular
expressões com componentes lexicais familiares arranjados de modo familiar	<i>regular</i>	<i>regular</i>	irregular
expressões sintáticas regulares	<i>regular</i>	<i>regular</i>	<i>regular</i>

Quadro 2: Tipos de expressões idiomáticas identificadas na comparação com expressões sintáticas regulares

Nesse quadro, articulam-se, então, estes parâmetros: (i) a ocorrência ou não dos vocábulos que compõem a expressão fora desta (o que implica, respectivamente, a caracterização como expressão com componentes familiares ou não-familiares); (ii) a variação (quase nula/menor ou maior) em seu grau de esquematização (o que implica, respectivamente,

caracterização como arranjo sintático regular ou irregular); (iii) o nível de sobreposição da contribuição que as palavras componentes em conjunto conferem à expressão em relação ao significado que elas têm, individualmente, fora da expressão (menor ou maior), já que a regularidade semântica é uma função do maior grau de similaridade semântica dos vocábulos componentes e da expressão em si.

Cabe dizer que, mesmo quando a irregularidade é um traço característico dos três domínios da língua (como, por exemplo, no primeiro tipo), as expressões idiomáticas não são necessariamente marcadas por não-composicionalidade: afinal, partes da expressão podem, em alguma medida, continuar a ser mapeadas pelos falantes mediante traços de seu significado individual. Na verdade, percebe-se, na análise empírica dos dados, uma significativa variação no que diz respeito ao grau de não-composicionalidade (este, por sua vez, está associado geralmente ao maior grau de idiomatização): em boa parte dos dados, as expressões são parcialmente composicionais. Logo, entende-se a (não-) composicionalidade como um conceito escalar, que aqui é tratado com base no parâmetro grau de congelamento semântico, em coatuação com certos fatores morfossintáticos que testam o nível de soldadura funcional dos componentes da expressão.

Expressões idiomáticas são associadas também a unidades às quais se atribui sentido figurado. E são, sem dúvida, reveladoras de padrões da conceptualização humana, culturalmente determinados: estruturas conceptuais metafóricas e metonímicas. Tanto é assim que a compreensão do sentido de algumas delas por um estrangeiro não se dá com a mesma facilidade que ocorre entre falantes nativos de uma língua, pois envolve também uma experiência sócio-histórico-cultural que o falante estrangeiro normalmente não tem, pelo menos a princípio.

Expressões idiomáticas metafóricas, por exemplo, são relativamente proeminentes em situações de caracterização. A título de ilustração, cabe referir que, para explicitar certas características das pessoas, muitas vezes se recorre a expressões “institucionalizadas” que revelam algum tipo de relação com traços de animais específicos (cf. MOON, 1998 *apud* GIBS, 2007, para exemplos desse tipo no inglês¹²): “comer como um passarinho” ou “trabalhar feito cão/burro (de carga)”.

Ex. 13: (...) Inspirando-se em Brancusi, Kawasaki elaborou dez mandamentos para promover a revolução: (...) 7) **Coma como um passarinho** (...) Quando se afirma que alguém **come como**

¹² Exemplos em inglês: “treat like a dog” (maus-tratos), “eat like a horse” (apetite).

um passarinho, isso significa que a pessoa se alimenta pouco. Mas o curioso é que, pelo seu peso, passarinhos podem comer bastante (alguns ingerem o equivalente à metade de seu peso todos os dias). Para o autor, isso significa que um revolucionário deve sempre procurar todas as informações possíveis sobre o negócio, o cliente e os competidores. Como? Indo a palestras e convenções, lendo livros e revistas e consultando a Internet [PB escrito, www.exame.com.br, 07/05/1999].

Expressões metonímicas, por outro lado, muitas vezes envolvem partes do corpo, que, por sua vez, põem em evidência uma atitude, um sentido ou uma habilidade da pessoa em referência: “abrir mão”, “entrar de cabeça”, “perder a cabeça”, “enterrar a cabeça”, “fazer a cabeça”, “dar uma mão”, entre outras possibilidades.

Ex. 14: “Vamos *entrar de cabeça*”, afirma Richarlyson sobre Sul-Americana Volante do Vitória acredita que o time tem condições de disputar o torneio continental e o Campeonato Brasileiro ao mesmo tempo. Leão pega o Sport nesta quinta-feira. Quando se tem um elenco de grande qualidade, não pode se privar e querer uma só competição. Quando se trata de disputar um título, respeito a opinião dos torcedores que pensam o contrário, mas a gente não pode deixar de galgar algo maior em outra competição que é tão gostosa como o Brasileiro. Por que *abrir mão* de *entrar de cabeça* se temos um elenco forte? Ney já passou para a gente que vamos entrar de cabeça nas duas competições – garante Richarlyson” [PB escrito, www.globoesporte.globo.com, 28/08/2014].

Ex. 15: “Lesões, cartões e cansaço: problemas que fazem Marcelo *quebrar a cabeça*. Treinador terá dificuldades em todas as posições para montar o time para o duelo contra o Criciúma, pelo Campeonato Brasileiro, neste domingo” [PB escrito, www.globoesporte.globo.com, 7/11/2014].

Ex. 16: “São Paulo volta chateado aos treinos, mas sem “*enterrar a cabeça*”¹³. (...) Não assimilamos ainda, porque queríamos vencer um clássico. Se ganhássemos os três pontos, teríamos mais moral para a competição. Estamos bastante chateados, mas não adianta *enterrar a cabeça*, foi um jogo difícil e na quinta temos de voltar a vencer no campeonato”, comentou [Maicon]” [PB escrito, www.esportes.terra.com.br, 03/02/2014].

Há, nesses exemplos, (i) construções com verbos que assumem papel similar ao de um verbo (semi) gramatical ou léxico-gramatical, embora não sejam produtivamente mobilizados para tal função gramatical (entrar, quebrar, enterrar, por exemplo), bem como (ii) construções com verbos suportes (“fazer a cabeça” e “dar uma mão”). Estas expressões, mais ou menos lexicalizadas, envolvem formas verbais que são frequentemente mobilizadas para a formação de predicados complexos e, neste papel funcional, são normalmente tratadas como verbos suportes e apresentam um significado idiossincrático que, em geral, se configura a partir da maior opacidade dos significados dos componentes verbal e não-verbal ou de um destes. Não obstante, não é isso que se nota em muitas construções com verbo suporte, particularmente nas que envolvem nomes predicantes (que têm relação com verbos, como *dar entrada*).

¹³ A expressão “enterrar a cabeça” também mantém relação metafórica com uma ação característica do avestruz.

Nestas, observa-se que a semântica e a sintaxe de enunciados com ou sem verbo suporte são relativamente preservadas. Em outras palavras, nota-se certa similaridade entre construções diferentes, o que permite até que o Vsuporte seja omitido. Por exemplo, um enunciado como *Ele deu sua opinião sobre o assunto* pode ser, funcionalmente, rerepresentado por uma frase nominal como a *Sua opinião sobre o assunto*.

Outro aspecto importante dessas construções diz respeito ao fato de que são frequentemente instanciações de construções parcialmente preenchidas em termos lexicais: por um lado, contam, mais frequentemente, com certos verbos suportes (por exemplo, para a expressão de atividade/ação, com *fazer/dar*; para a expressão de estados, com *ter*; para a expressão de processo de mudança, com *ficar*); por outro, operam sobre um elemento não-verbal que, embora seja mais frequentemente um nome ou um sintagma nominal e se caracterize pela função classificatória do estado de coisas em vez da função referencial a entidades do mundo biossocial, pode ter outras configurações sintagmáticas e, principalmente, pode ser preenchido por diversas possibilidades lexicais.¹⁴

Outra propriedade que muitos estudos atribuem às expressões idiomáticas relaciona-se à frequência de ocorrência e de tipo (BYBEE, 2003; 2011), já que construções são concebidas como cognitivamente entrincheiradas de modo diferente, a depender, entre outros fatores, da frequência. A produtividade, relacionada à habilidade de o falante servir-se do sistema léxico-gramatical de uma língua em combinações de modo a criar e/ou compreender novos enunciados, contrasta, segundo GIBBS (2007, p. 698), com a tendência a expressões fossilizadas ou idiomáticas, entre outras possibilidades de linguagem baseada em unidades complexas pré-fabricadas. Por um lado, estas normalmente são menos frequentes, quando são comparadas a outras possibilidades construcionais da gramática de uma língua. Por outro lado, tendem, principalmente as mais lexicalizadas, a ser repetidas mais ou menos com a mesma configuração lexical, estrutural e semântica, se caem no gosto de uma comunidade linguística.

O fenômeno de formação de predicados complexos não é específico do Português do Brasil, nem mesmo do Português. Outras línguas, mesmo contando com recursos morfológicos de derivação de verbos, disponibilizam a construção com verbo suporte. Há várias alusões, na literatura linguística, a construções com verbos suportes ou leves (por

¹⁴ Por exemplo: *dar resposta, dar replay, dar bug, fazer xerox, fazer estadia, fazer download, fazer backup*, entre tantas outras.

exemplo, em persa, cf. GERDES; SAMVELIAN, 2008; em italiano, cf. QUOCHI, 2007; e em inglês, cf. BRINTON, 2013), por conta de sua produtividade no que diz respeito ao uso, à compreensão e/ou à criação de predicadores complexos.

A alta produtividade desse tipo de construção nas línguas está associada à possibilidade de que muitas construções com verbo suporte não sejam necessariamente lexicalizadas, embora até possam ter sido criadas por analogia semântica e sintática com padrões de construções com verbo predicador leve ou (semi-) suporte já lexicalizadas. Há evidências, nas pesquisas sistemáticas de amostras dessas construções, a favor da semicomposicionalidade da maioria das construções com verbos (semi-) suportes: os falantes não necessitam aprender todas as combinações de verbos (semi-) suportes e elementos não-verbais (geralmente, nominais). Em vez disso, uma vez que conhecem algumas instâncias de usos com um pareamento forma-significado mais ou menos regular, os falantes expandem o emprego dessa construção para novos casos que julguem similares aos outros, num processo de gramaticalização por expansão baseada em analogia: a partir de um padrão construcional de formação de predicadores complexos que envolve a operação regular de verbos (semi-) suportes, novas expressões são criadas ou interpretadas.

Uma construção mais lexicalizada constitui uma expressão criada, a partir de necessidade discursivo-pragmática, por dois ou mais vocábulos que juntos implicam algum grau de congelamento semântico, gerando um sentido global (idiossincrático ou não). Devido à frequência de ocorrência, cristaliza-se formal e semanticamente. O grau de congelamento semântico e a cristalização da expressão colaboram para que se torne uma nova unidade lexical empregada relativamente com a mesma configuração e sem caráter preditivo em relação à formação de novas expressões, ou seja, para que passe pelo processo de lexicalização¹⁵ e, então, se torne um pareamento forma_{nova}-sentido_{novo} no polo das unidades lexicais ou uma construção lexical. Afinal, uma expressão mais lexicalizada é a que revela idiomatidade lexical, morfossintática, semântico-pragmática e de frequência.

3. Orientação funcionalista

¹⁵ “Lexicalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use a syntactic construction or word formation as a new contentful form with formal and semantic properties that are not completely derivable or predictable from the constituents of the construction or the word formation pattern. Over time there may be further loss of internal constituency and the item may become more lexical” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 96).

Esta descrição funcionalista pauta-se numa concepção de língua como sistema de conhecimento que relaciona fonologia, morfossintaxe, semântica, léxico, discurso e pragmática e que integra, além da linguagem, a percepção do contexto de interação e do mundo circunvizinho, a capacidade de armazenamento de informações e experiências relativas ao ambiente sociocultural, molduras comunicativas e, enfim, outros sistemas conceptuais. O processo de produção de sentido resulta de um processo de negociação entre locutor e interlocutor num contexto comunicativo que enfatiza a importância da integração de diferentes domínios na compreensão do fenômeno da linguagem.

Como a representação e o processamento da linguagem são moldados pelo uso, este é o espaço fundamental da análise dos fenômenos linguísticos. E como é importante que o estudo desses fenômenos se baseie numa concepção que considera a interface entre léxico e gramática (BRINTON; TRAUGOTT, 2005; BRINTON; AKIMOTO, 1999), construções com verbo suporte (idiomáticas ou não), no enfoque teórico aqui adotado, são vistas à semelhança de outras construções que revelam regularidade formal e semântico-pragmática.

A diferença entre palavras e esquemas ou construções lexicais, gramaticais ou léxico-gramaticais é, portanto, uma questão mais de grau do que de qualidade: a complexidade de construções é maior do que a de palavras; construções/esquemas gramaticais tendem a ser mais não-especificados quanto aos componentes lexicais que neles podem ser inseridos do que palavras, que são lexicalmente especificadas. As expressões idiomáticas ou semi-idiomáticas situam-se entre esses extremos: algumas são totalmente especificadas (*botar a boca na botija, dar nó em pingo d' água fazer ouvidos de mercador*; sempre ocorrendo com determinados elementos); outras são parcialmente especificadas (*fazer/dar + elemento não-verbal* para representar estados de coisas, por exemplo; *fazer/dar sol*). Neste caso, há um espaço estrutural que se configura mediante forma verbal pertencente a conjunto mais restrito de alternativas (léxico-) gramaticais e outro espaço estrutural de preenchimento lexical livre, embora se caracterize por relativa regularidade na configuração formal e referencial (geralmente nomes “nus”, não especificados ou modificados, com caráter genérico e com função classificatória – *fazer esteira* na academia, *dar conta* de algo, *fazer bico* para sobreviver).

4. Metodologia: análise de usos, percepções e avaliações subjetivas

Tendo em vista que a expressão/representação e o processamento da linguagem são moldados pelo uso, entende-se que é fundamental focalizar a questão da lexicalização de construções com verbo suporte com base em dados do uso e de percepções e avaliações subjetivas das instanciações de uso detectadas em *corpora* diversos. Esta descrição conta com resultados oriundos da análise de amostras de dados coletados em textos e de registros de julgamentos feitos por falantes nativos do Português sobre aspectos formais e semântico-pragmáticos envolvidos na lexicalização / idiomatização e na gramaticalização de construções verbo-nominais.

Estudos psicolinguísticos já estabeleceram uma conexão entre a avaliação de expressões idiomáticas e suas propriedades formais e sua flexibilidade lexical. Vêm-se realizando, também no âmbito do Projeto PREDICAR, testes de percepção e interpretação de construções com base nos dados registrados no uso. Para se ter uma ideia da natureza dos testes já realizados a esse respeito, vale a pena conferir ESTEVES (2008, p; 321-334; 2012, p. 192-217) e ASSIS (2009, p. 194-221).

Nessa metodologia experimental, os informantes são levados a julgar a idiomaticidade das construções a partir de uma análise multidimensional e multifatorial: variações quanto à flexibilidade lexical, à flexibilidade morfossintática e à representação semântico-pragmática. De um lado, avalia-se, semântica e pragmaticamente, se o significado dos componentes lexicais (ou de algum deles) é transparente em alguma medida; de outro, avalia-se o nível de variação morfossintática e lexical dessas construções. Testa-se, por exemplo, a produtividade semântica no caso de substituição de componentes lexicais das expressões detectadas em *corpora*: se, com a substituição, se obtêm variantes de significado mais ou menos nítidas. Também se testa a possibilidade de substituição, com a manutenção de relativa equivalência semântico-pragmática, de toda a expressão por predicadores simples. Ademais, testam-se mudanças na configuração morfossintática das expressões: alteração da ordem, inserção de elementos diversos. E, ainda, avaliam-se aspectos relativos à semântica e à pragmática, tais como: o grau de interferência de formas inseridas na construção na referencialidade do elemento não-verbal (a qual, em instanciações exemplares de construções com verbo suporte, deve ser genérica, com função classificatória em relação ao estado de coisas), o grau de congelamento semântico das formas numa nova unidade de sentido desligada dos significados de seus componentes, os efeitos de sentido das construções inseridas em enunciações

distintas.

Além disso, conta-se também com a verificação, complementar, dos fatores examinados nessas dimensões baseada na consulta, por meio de ferramentas de busca na *Internet*, a outros textos. Em outras palavras, investiga-se também o grau de irregularidade formal e semântica das construções que compõem o acervo de dados do Projeto PREDICAR mediante a exploração de outros exemplos dessas construções em textos (de variados gêneros) disponíveis na *Internet*.

5. Construções com verbo suporte não-lexicalizadas ou (semi-) lexicalizadas

Da análise sistemática de amostras dessas construções empreendida em pesquisas no âmbito do Projeto PREDICAR (como, por exemplo, as de MACHADO VIEIRA; ESTEVES; OLIVEIRA, 2004; MACHADO VIEIRA, 2010; e ESTEVES, 2008; 2012), depreendem-se evidências a favor de que as instanciações de construções verbo-nominais constituídas de verbos (semi-) suportes se situam num *continuum* que é função da coatuação gradiente de propriedades relacionadas à construcionalização gramatical, que implica gramaticalização verbal, a lexicalização e a construcionalização lexical. E, nesse *continuum*, há expressões que não são lexicalizadas, embora envolvam preenchimento lexical parcial, bem como há expressões lexicalizadas, ainda que revelem esquematização morfossintática.

Entre as evidências de que nem todas as construções envolvem idiomatização está o fato de que os falantes não necessitam aprender todas as combinações de verbos (semi-)suportes e elementos não-verbais / nominais. Uma vez que conhecem algumas instâncias de usos com um pareamento forma-significado mais ou menos regular, os falantes ampliam o emprego dessa construção para novos casos que julguem similares aos outros. A título de exemplo, citam-se dados como:

Ex. 17: “Ah! Não gosto de criança que *faz choro*” [PB oral, enunciado ouvido em conversa na rua].

Ex. 18: “*Faz a conta. Faz Carrefour*” [PB oral e escrito, slogan de campanha publicitária de rede de supermercados].

Ex. 19: “*Faz um 21!*” [PB oral e escrito, slogan de campanha publicitária de operadora de telefonia].

Ex. 20: “Se o namorado perturba muito, *dá um OLX* nele” [PB oral, enunciado ouvido em conversa em programa de rádio].

As construções não-lexicalizadas (“*faz choro*” ou “*faz a conta*”) revelam, por um lado, um processo de gramaticalização na medida em que envolvem operadores de verbalização, também frequentemente utilizados em outras línguas, e regularidade na sua formação e no pareamento forma-função, bem como esquematização (embora com “lacuna”, *slot*, para preenchimento lexical diverso).

As construções “*faz carrefour*”, “*faz um 21*” e “*dá um OLX*”, que são formadas a partir do esquema mais abstrato da construção gramatical do tipo *Vsuporte + SN*, já envolvem propriedades formais e semânticas reveladoras de algum grau de lexicalização: significado figurado (de estrutura conceptual metonímica), imprevisibilidade lexical do elemento não-verbal, opacidade do sentido deste elemento, especificidade/idiossincrasia do sentido da construção, que não é acessado, com facilidade, por um estrangeiro. No primeiro, identifica-se uma relação entre ação (de compra) e lugar (de compra, específico). Nos outros dois, estabelece-se uma relação entre ação e instrumento/suporte.

Nos *corpora* examinados, identificam-se basicamente os seguintes tipos de construções verbo-nominais: (i) não-lexicalizadas; (ii) semilexicalizadas; (iii) lexicalizadas / idiomáticas.

Tanto entre as construções não-lexicalizadas como entre as (semi-) lexicalizadas, reconhecem-se dois padrões configuracionais:

(a) construções com verbos suportes:

Ex. 21: “Você acha que a mulher não tem critério, que as mulheres têm uma queda pelo canalha?” [PB oral, <http://www.rodaviva.fapesp.br/>, 2005].

Ex. 22: “Eu quero ser prova do crime. Eu faço parte do crime. Nós todos! A gente faz parte deste frege [barulho, briga] brasileiro” [PB oral, <http://www.rodaviva.fapesp.br/>, 2005].

Ex. 23: “Peregrinar não é dar um passeio pelo jardim” [PP escrito, Público Porto, 13/05/1999].

(b) construções com verbos na fronteira entre verbo predicador e verbo (semi-) suporte:

Ex. 24: “Tentou meter o pé mas foi capturado por tráfico na Reta Velha” [PB escrito, Jornal O Itaboraí, 21/11/2014].

Ex. 25: “Na semana passada, o presidente do Senado e chefe do clã, José Sarney, encontrou-se com Tavares para tentar botar um ponto final na briga” [PB escrito, Veja, 26/06/2004].

Entre as construções semilexicalizadas, estão as construções verbo-nominais que não respondem a todos os testes / parâmetros de lexicalização, como por exemplo:

Ex. 26: Está certo que a vida de um governador é uma correria só. Por conta disso, ontem, o governador Waldez Góes (PDT) resolveu aproveitar que estava em uma escola pública e fez uma “boquinha” de leve. Foi mais além: elogiou o cardápio e disse que a população estudantil merece muito mais [PB escrito, <http://jornaldodia-amapa.blogspot.com.br/>, 10/09/2009].

E entre construções lexicalizadas, estão os casos de construções verbo-nominais que respondem a todos os testes / parâmetros de lexicalização, como por exemplo:

Ex. 27: “Receita deu baixa em 3,5 milhões de empresas” [PB escrito, Diário do Comércio, 01/06/2010].

Na avaliação das construções verbo-nominais por parâmetros de lexicalização (cf. item 4), observa-se que alguns parâmetros influenciam mais decisivamente a leitura lexicalizada do que outros. Detecta-se, na verdade, uma espécie de hierarquia entre tais parâmetros. Entre os que mais interferem, está, sem dúvida, o parâmetro grau de congelamento semântico. Não é à toa que tantas descrições, ainda que incipientes, sobre idiomatização partem exatamente da semântica das expressões. Identificam-se, no uso, construções com maior grau de congelamento semântico e construções com menor grau de congelamento semântico. Naquele conjunto, estão construções em que não é possível reconhecer o sentido da expressão com base no significado literal dos seus vocábulos constituintes. Neste, estão construções em que se nota uma aproximação entre seu sentido e o sentido não-metafórico / literal do verbo e/ou do elemento nominal. Vejam-se, a seguir, exemplos de ambos os conjuntos: além de construções com verbo suporte não-lexicalizadas (como “*fazer uma economia real*” no enunciado 29 abaixo e outras já citadas), reconhecem-se construções semilexicalizadas com menor grau de congelamento semântico, como estas:

Ex. 28: Fundado em 20 de julho de 1940, neste domingo o Aeroclube de Passo Fundo completa 74 anos. Durante esse período, deu asas¹⁶ aos sonhos dos jovens, formou centenas de profissionais, propiciou lazer e prestou muitos serviços à comunidade. Em comemoração ao aniversário do Aeroclube, haverá uma revoada sobre Passo Fundo na tarde de domingo [PB escrito, notícia, <http://www.onacional.com.br>, 20/07/2014].

Ex. 29: Faz sentido aumentar Bolsa família quando se cortam investimentos? (...) Mas pergunto: que sentido faz ter de cortar investimentos – e terá de haver corte caso se queira fazer uma economia real – e aumentar a despesa do assistencialismo na veia? [PB escrito, notícia, www.veja.abril.com.br, 01/03/2011].

Ex. 30: “Após a largada, a etíope Mamitu Daska tratou de deixar o trabalho de puxar o ritmo com as quenianas Aliphine Tuliamuk-Bolton e Betsy Saina, que se alternavam na liderança. “Eu não esperava uma prova rápida como essa, mas estou feliz porque minha estratégia funcionou”, disse. Daska fez o bote final quando faltavam pouco mais de um quilômetro para a chegada e venceu com 31:04, seu recorde pessoal, recorde do percurso e também melhor marca do ano no mundo para a distância. Daska tem no currículo vitórias nas Maratonas de Dubai (2010), Houston e Frankfurt em 2011 (2:21:59 – recorde pessoal e do percurso) [PB escrito, notícia, www.corridanoar.com.br, 23/06/2014].

¹⁶ Percebe-se, nesse uso da construção, a noção de transferência (ainda que metafórica) em *dar*, e o sentido metonímico no elemento não-verbal obtido na relação entre evento e instrumento (de liberdade).

Quadro 3: Instâncias de uso de construções com verbo suporte não-lexicalizadas ou semi-lexicalizadas com menor grau de congelamento semântico

Outras construções, por sua vez, apresentam maior nitidez no que diz respeito ao nível de seu congelamento semântico, configurando-se por meio de componentes verbais e não-verbais que, geralmente, revelam maior dessemantização: noção geral de estado de coisas (com configuração de acionalidade normalmente distinta da sua primária¹⁹) e/ou sentido figurado do elemento não-verbal, mais afastado do seu sentido literal ou mais corriqueiro. Em síntese, constituem construções cujo sentido não se recupera tão facilmente por meio dos significados dos constituintes. Entre as construções semilexicalizadas ou lexicalizadas com maior grau de congelamento semântico, encontram-se exemplos como estes:

Ex. 31: Acabou a moleza! De agora em diante, mais precisamente a partir do dia 25 deste mês, nos campeonatos que se iniciarem (não vale para os em andamento), o goleiro que se meter a engraçadinho e ficar fazendo cera vai se dar mal porque a FIFA baixou uma norma que quer ver adotada em todo o mundo (...).

Ubaldo Fillol, o magnífico goleiro argentino do Flamengo, tomou um susto quando foi perguntado sobre o fim da cera. “?Que es hacer cera?”, perguntou, acrescentando que jamais ouvira a expressão antes (...).

As ceras que ele fez na Copa foram escandalosas demais.”, diz Fillol [PB escrito, Placar Magazine, 19/07/1985].

Ex. 32: Colégios pequenos poderão reduzir salários até 15% para fazer face a dificuldades. [PP escrito, *lead*, www.publico.pt, Público do Porto, 23/07/2014].

Ex. 33: Bar em Ipanema, no Rio, faz 'gato' de energia e sócio é condenado a prisão [PB escrito, notícia, <http://g1.globo.com/10/04/2014>].

Ex. 34: Entidades deixam de fazer sala à Dilma.

Sindicatos e outras entidades que andavam em círculos, sem poder de mobilização, fazendo sala pro Governo Dilma, resolveram sair às ruas.

Palmas à meninada que foi à luta em busca de economia de R\$ 0,20 em passagens de ônibus, mas terminou acordando um “gigante” [PB, escrito, opinião, <http://blogcarlossantos.com.br/>, blog jornalístico, Coluna do Herzog, 11/07/2013].

Propriedades de maior lexicalização	Congelamento semântico	Impossibilidade de				Nível de lexicalização
		substituição da construção por predicador simples	substituição do componente verbal ou do não-verbal	inserção de outros elementos	anteposição do componente não-verbal	
<i>Exemplos</i>						

¹⁹ Por exemplo: *fazer* é empregado sem seus traços de controle e dinamismo.

<i>Fred diz que Fla fez cera durante o jogo²⁰.</i>	- + noção de ação/atividade em fazer, relação metafórica ou metonímica da extensão do sentido do elemento não-verbal com seu sentido literal	- embromou, enrolou	+ ± “faz hora ²¹ ”	- fez (uma) baita cera	± ²²	<i>menor</i>
<i>Como fazer face à crise do capitalismo liberal?</i>	+ + noção geral de estado de coisas em fazer, relação metafórica ou metonímica da extensão do sentido do elemento não-verbal com seu sentido literal	- enfrentar, lidar com	+ - fazer frente	+	+	
<i>Bar em Ipanema, no Rio, faz 'gato' de energia.</i>	+ + noção geral de estado de coisas em fazer, relação metafórica ou metonímica da extensão do sentido do elemento não-verbal com seu sentido literal	± desviar, furtar	+ ± faz desvio/furto	± ²³ fazer gato escancarado	± ²⁴	
<i>Entidades deixam de fazer sala à Dilma.</i>	+ + noção geral de estado de coisas em fazer, relação	± tratar/receber bem ²⁵	+ +	+	+	<i>maior</i>

²⁰ Fonte: <http://globoesporte.globo.com/>, 25/08/2005.

²¹ O símbolo ± é aqui empregado para assinalar o julgamento da propriedade de lexicalização que se pauta na divergência entre (i) resultados da análise de percepções e avaliações subjetivas e (ii) resultados da análise de comportamentos observados em textos. Por conseguinte, é o resultado da articulação das duas óticas (percepção / avaliação e uso). Por exemplo, alguns informantes dos testes consideraram a possibilidade de “fazer hora” como expressão quase equivalente a “fazer cera”. Não obstante, a maioria não percebeu como possível a substituição do elemento não-verbal desta expressão por termo que permita sentido equivalente.

²² Todos os informantes dos testes julgaram estranha a anteposição de “cera”. No entanto, registra-se ocorrência dessa anteposição no exemplo 31.

²³ Não se registrou qualquer ocorrência dessa expressão com inserção de elemento modificador. No entanto, informantes dos testes avaliaram como possível expressão como em “fazer um gato perigoso”.

²⁴ Embora os informantes tenham avaliado como impossível a anteposição do elemento não-verbal, há registro de ocorrência dessa anteposição: “**Gato** na luz **feito** por morador de condomínio. Tenho suspeita (99% certeza) de **gato** na energia **feito** por um apartamento, não sei se está roubando a concessionária ou o próprio condomínio (...)” [PB, escrito, dúvida, www.sindiconet.com.br].

²⁵ Embora sem a mesma força expressiva, os informantes consideraram possível a comparação das expressões “fazer sala” e “tratar / receber bem”, mas ressaltaram naquela um valor semântico-pragmático que esta não tem, até por esta ter sentido mais abrangente.

	<i>metafórica ou metonímica da extensão do sentido do elemento não-verbal com seu sentido literal.</i>					
--	--	--	--	--	--	--

Quadro 4: Instâncias de uso de construções com verbo suporte (semi-) lexicalizadas com maior grau de congelamento semântico.

Os resultados das pesquisas que vêm sendo empreendidas no Projeto PREDICAR mostram que a categorização de construções com verbos suportes como idiomáticas é função da relação entre o nível de irregularidade formal e o nível de irregularidade semântica.

Idiom schemas represent concepts embedded in the culture and associated with particular lexicalization. They are characterized by an underlying concept (the relationship between tenor and vehicle) and an overlying preferred lexical realization, usually with connotated evaluation. The exact form of words may vary or be exploited but is still tied to the underlying concept which provides the driving or motivating force in these idiom phrases” (MOON, 1998, *apud* GIBBS, 2007, p. 715).

Embora o nível de congelamento semântico seja indicado, nas análises de usos ou de percepções / avaliações subjetivas, como um parâmetro decisivo, outros fatores interferem no reconhecimento de construções com verbo suporte como expressões idiomáticas. Um fator que também se destaca é a possibilidade de substituição da expressão por predicador simples, uma vez que geralmente está em jogo a premissa de que a criação de uma nova expressão com verbo suporte atende a uma necessidade comunicativa que dificilmente é atendida por meio de outro recurso linguístico. E um fator que pouco destaque tem nessa avaliação é a possibilidade de anteposição do elemento não-verbal, pois, em geral, prevalece a posposição deste em relação ao verbo suporte, mesmo nos casos que não têm qualquer indício de lexicalização. Com isso, a demarcação de construções com verbo suporte não-lexicalizadas, semilexicalizadas e lexicalizadas baseia-se na coatuação, mais nítida ou menos nítida, de propriedades de ordem lexical, morfossintática e semântico-pragmática, como revelam os quadros anteriores, que contaram também com resultados descritos em ESTEVES (2012).

Tendo em vista que a produção de expressões idiomáticas é fruto de necessidades de representação de conceptualizações semânticas em certos espaços sociointeracionais e culturais, vale, ainda, comentar a viabilidade de se demarcarem construções com verbo suporte que envolvam internamente (quase) as mesmas formas linguísticas e, entretanto, se situem em níveis distintos da interface gramaticalização-lexicalização, haja vista casos como os das instanciações de uso das construções “fazer barulho” e “fazer faxina” a seguir:

Exs. 35:

a) “Entretanto, as noites que passei no hotel praticamente não consegui dormir. O ar condicionado fez barulho a noite toda, prejudicando muito meu passeio” [PB escrito, avaliação, www.tripadvisor.com.br, 26/01/2014].

b) “Podem fazer a prova mas nós não deixamos de fazer barulho”. Dia da prova de avaliação de conhecimentos e capacidades dos professores foi marcado por protestos em todo o país. No Porto uma escola foi invadida, mas noutros locais a dispersão dos docentes arrefeceu as manifestações. Só o barulho se sobrepôs ao desânimo dos professores, por não conseguirem boicotar o exame como tinha acontecido em Dezembro [PP escrito, reportagem, www.publico.pt, 22/07/2014].

c) “UFC fez barulho como nunca, mas decepciona e não anuncia nenhuma notícia bombástica”. UFC preparou uma entrevista cheia de pompa. Divulgou com uma boa antecedência, chamou quase todas as principais estrelas que tinha à disposição e prometeu: divulgaria o calendário completo para 2015 e outra notícia bombástica. O calendário veio, mas a notícia acabou ficando para outro momento” [PB escrito, notícia, <http://espn.uol.com.br>, 17/11/2014].

Exs. 36:

a) “Preguiça de fazer faxina? Induza seu cérebro a querer manter tudo limpo” [PB escrito, <http://revistagalileu.globo.com>, 13/10/2014].

b) A falta de etiqueta no convívio virtual tem incomodado tanto que usuários estão recorrendo ao extremo de deletar amigos. A gestora cultural, Marcia Morales, 43 anos, de Porto Alegre, fez uma faxina na página do Facebook logo após a disputa do primeiro turno. Deixou de seguir três pessoas, excluiu outras três e bloqueou mais duas [PB escrito, notícia, <http://m.zerohora.com.br/>, Zero Hora, outubro de 2014].

Em ambos conjuntos, observam-se, na comparação das ocorrências das expressões, mudanças semânticas na construção que implicam diferentes níveis de lexicalização para as ocorrências.

Nos enunciados que ilustram usos da expressão *fazer barulho*, identifica-se uma expressão não-lexicalizada em (a), resultante da construção que promove a formação de predicador complexo com verbo suporte. É possível substituir *barulho* por termo equivalente, *ruído*. (b) já apresenta um exemplo da construção em que o elemento não-verbal *barulho* extrapola a noção física de ruído sonoro, e se relaciona à noção de protesto, ou seja, revela uma relação metonímica entre um elemento da ação de protestar e o evento em si. Em (c), por sua vez, a expressão alcança um sentido ainda mais particular e mais distante do sentido primário, um sentido abstrato que não pode ser recuperado por uma forma simples equivalente, como ainda acontece em (b).

Também nos enunciados da expressão *fazer faxina*, encontra-se diferença: em (a), expressão não-lexicalizada e sem sentido figurado; e, em (b), expressão semilexicalizada e

com sentido figurado / idiossincrático.

Considerações finais

É possível observar, com base nos exemplos aqui utilizados, que os falantes se valem das construções com verbo suporte produtivamente no Português e que o fazem para, entre outras finalidades, refletir padrões do pensamento humano culturalmente estabelecidos, exprimir sentidos que não são (ou, pelo menos, não são tão facilmente) expressos mediante outras formas linguísticas, produzir e compreender novos predicadores complexos, promover interação social ou coerência textual. Logo, não cabe mais uma concepção sobre o tema que o situe na periferia do sistema linguístico.

O estudo das construções com verbos suportes revela que há aquelas que envolvem gramaticalização de formas verbais (que resulta no que se convencionou chamar de verbo suporte) sob certas restrições construcionais morfossintáticas e semânticas. Há também construções que envolvem formas verbais que não são sistematicamente verbos suportes, mas que, por conta de atuação semelhante à dos produtivamente acionados para a função de verbalização de elementos não-verbais, se assemelham a estes. E há, ainda, casos de construções que não só revelam estruturas convencionais ou rotineiras (como as anteriormente descritas), mas envolvem, ainda, sentido figurado (metafórico ou metonímico) e decréscimo de composicionalidade e produtividade e, então, se sujeitam a um processo de lexicalização.

As construções do último tipo que alcançam idiomaticidade lexical, morfossintática, semântico-pragmática e de frequência resultam, ao que parece, no que vem sendo chamado de construcionalização lexical, já que atingem, instantaneamente, um pareamento forma-significado completamente novo que tem funcionamento lexical e não é acessado ou previsto a partir da combinação regular das propriedades das suas partes constitutivas.

Já as construções com verbo suporte não-lexicalizadas – que revelam relativa regularidade morfossintática e semântico-pragmática, embora tenham espaço para irregularidade lexical (principalmente por conta da imprevisibilidade lexical do preenchimento de seu componente não-verbal), bem como grande frequência de ocorrência e de tipo – relacionam-se a padrões regulares e produtivos de formação de palavras (complexas), mais precisamente de formas verbais ou predicadores verbais complexos, e, então, ao processo de construcionalização gramatical, uma vez que o acesso a essas formas se

baseia no pareamento {*Vsuporte + elemento não-verbal (sem função referencial, mas classificatória do estado de coisas)*}Verbo predicador (complexo).

A formação de construções com verbo suporte é um processo regular na(s) língua(s), que pressupõe: (i) algum grau de gramaticalização do item verbal em jogo, (ii) a integração de um elemento verbal (semi) gramaticalizado e outro não-verbal sob algumas especificações semânticas e morfossintáticas, independentemente do tipo de verbo (semi-)suporte e do elemento não-verbal que se verbaliza por atuação daquele e, então, (iii) a gramaticalidade da construção em si, que tem atuação similar à de um verbo pleno numa predicação, num esquema de estrutura argumental:

{V(semi-)suporte FAZER/DAR/TER... [*elemento não-verbal*]}Predicador Complexo (**Arg_n**)
(n ≥ 0)

O verbo (semi-) suporte contribui, em geral, para definir a natureza acional ou aspectual do predicador complexo: eventos (estados de coisas dinâmicos) ou situações (estados de coisas não-dinâmicos).

Enfim, a pesquisa sobre construções com verbos suportes empreendida no âmbito do Projeto PREDICAR, que atualmente também tem como referência o enfoque construcionista, tem colaborado para que se elucidem questões relativas às condições de reconhecimento de formas verbais acompanhadas de elementos não-verbais como predicadores complexos e ao estatuto de certas instâncias desses predicadores no *continuum* gramaticalização-lexicalização. E mais recentemente se volta também para a relação dessas construções com construcionalização.

Referências bibliográficas:

ASSIS, Kate Lúcia P. de. *Dar/Fazer/Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009. Tese de Doutorado.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BRINTON, Laurel J. The grammaticalization of complex predicates. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 559-569.

_____; AKIMOTO, Minoji (Eds.). *Collocational and idiomatic aspects of composite*

predicates in the history of English. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1999. Studies in Language Companion Series, 47.

BRINTON, Laurel J; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, Joan L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D. & JANDA, Richard D. (Eds). *A handbook of historical linguistics*. Blackwell, 2003. p. 602-623.

_____. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013. p.49-69.

DIK, Simon C. *Theory of Functional Grammar*. In: HENGEVELD, Kees (Ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. 2 v.

ESTEVES, Giselle Aparecida T. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008. Dissertação de Mestrado.

_____. *A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2012. Tese de Doutorado.

FASOLD, Ralph. *The Sociolinguistics of Society*. vol. I. New York, USA: B. Blackwell, 1987 [1984]. p.147-179.

GERDES, Kim; SAMVELIAN, Pollet. A Statistical Approach to Persian Light Verb Constructions. Archives-ouvertes.fr, 2008. <halshs-00668547> <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00668547>. 27th conference on Lexis and Grammar, L'Aquila, 10-13 September 2008.

GIBBS, Raymond W. Idioms and formulaic language. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 697-725.

GOLDBERG, Adele. *Construction. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: the Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico HOUAISS da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva, Instituto Antonio Houaiss, 2001.

LAPA, Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972. p. 62-68.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2001. Tese de Doutorado.

_____. Perífrases verbais. *Estudos linguísticos / Linguistic Studies*, 5. Edições Colibri; CLUNL, Lisboa, 2010. p. 409-429.

_____; ESTEVES, Giselle A. T; OLIVEIRA, Joana M. Predicados complexos com *fazer*, *dar* e *ter*: aspectos de sua lexicalização. In: 52º Seminário do GEL, 2004, Campinas, SP Programação e Resumos do 52o. Seminário do GEL. Campinas, SP: Unicamp, 2004. v. 1. pp. 569-569. Comunicação apresentada no 52o. Seminário do GEL em 2004.

NACH, Mark. G; FERREIRA, Willians R. MICHAELIS. *Dicionário de expressões idiomáticas – Inglês-Português*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

NICOLA, José de. *Língua, literatura e produção de texto*. v. 2. São Paulo: Scipione, 2006.

QUOCHI, Valeria. *A usage-based approach to Light Verb Constructions in Italian: development and use*. Università de Pisa, 2007. Tesi di Dottorato.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. (Orgs.) *Gramática do Português*, v. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SARAIVA, M. E. F. *Buscar menino no colégio. A questão do objeto incorporado no Português*. Campinas, SP: Pontes, 1997.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Calderon Press, 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

WULFF, Stefanie. Words and idioms. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013. p. 274-289.

Idiomacity in support verb constructions of Portuguese

Abstract: This paper focuses on the nominal-verbal constructions which function as complex predicates. It is not difficult to find, in Linguistic literature, references to idiomatic expressions which reveal some inconsistencies or superficial considerations of the topic. Due

to the growing interest in idioms, this situation is changing, but, in some cases, the references not only still maintain an inadequate treatment of the topic, but also consider every multiword unity as idiomatic. This treatment is also addressed to support verb constructions. Although support verbs constructions exhibit schematization and, in a significant number of uses, figurative meaning, they also exhibit a high degree of formal and semantic variation which is important to consider when we deal with the idiomaticity imputed to some instances of such constructions. There are intermediate and hybrid constructions in the procedural-contentful *continuum* and also non lexicalized support verb constructions (very productive ones). As a matter of fact, the demarcation of such constructions in this continuum must consider a multidimensional characterization which takes in multifactorial relations and a prototypically structured concept of idiomatic construction, with some central and borderline cases. This paper deals with the lexicalization and grammaticalization interface of such topic based on some results of the analysis of corpora and tests conducted by academic researchers within PREDICAR Project – The formation and expression of complex predicates.

Key words: Functionalism. Grammaticalization. Lexicalization. Support Verb.

Recebido em: 19 de dezembro de 2014.

Aprovado em: 26 de janeiro de 2015.